

Reflexões sobre o telejornalismo no horário nobre: um estudo comparativo do Jornal Nacional e do Jornal da Record

Raphaela Orlandi Suzin¹

Michele Negrin²

Resumo

Este artigo tem como foco a comparação de dois importantes telejornais brasileiros que vão ao ar no horário nobre: Jornal Nacional, da Rede Globo, e Jornal da Record, da Rede Record. O objetivo principal deste estudo é analisar as especificidades individuais e comuns dos dois telejornais. Tomamos como suporte metodológico a análise do discurso. Analisamos a edição do dia 28 de maio de 2012 do JN e a edição do mesmo dia do JR.

Palavras-chave: *Telejornalismo; Horário Nobre; Jornal Nacional; Jornal da Record.*

Aspectos introdutórios

A TV é um dos principais meios de comunicação utilizado pelos brasileiros para acessar informações. Independente da classe social, a população tem uma identificação com o aparelho de televisão, que possibilita uma aproximação entre as pessoas.

A televisão é um meio de comunicação que se destaca entre os outros veículos. Ela ocupa um lugar especial no cotidiano do público. Rezende (2000, p.31) salienta: “Inegavelmente, a TV é o principal veículo de comunicação do sistema de comunicação de massa brasileiro”.

¹ Acadêmica do curso de jornalismo da Universidade Federal de Pelotas.

² Orientadora do trabalho. Jornalista; doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; docente da Universidade Federal de Pelotas. Membro do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTLE).

Martins (2008) salienta que os principais atributos a serem levados em consideração para qualificação da televisão e dos telejornais como meios de destaque nas sociedades contemporâneas são: “Produzir significados sociais e culturais” (Martins, 2008:2). A autora acrescenta que a TV pode ser considerada como um dos principais elos entre o homem e o mundo.

Assim, os indivíduos assistem às mensagens jornalísticas e assimilam conhecimento, sentindo-se parte. Pelos monitores muitos acompanham o desdobramento dos fatos, muitas vezes em tempo real, se informam, formam opinião, enfim adquirem conhecimento. Vemos o mundo de dentro de casa: a televisão pode em tese nos conectar a tudo o que acontece na nossa esquina ou do outro lado do planeta (Martins, 2008: 2).

Para Dominique Wolton (1996), a televisão é um meio de comunicação que, além de oferecer ao público entretenimento e informações, apresenta-se como uma forma de laço entre as pessoas, dando possibilidades de assuntos para interação no cotidiano. A televisão se destaca como veículo capaz de fazer a ligação entre os indivíduos:

A força da televisão está no religamento dos níveis da experiência individual e da coletiva. Ela é a única atividade a fazer a ligação igualitária entre ricos e pobres, jovens e velhos, rurais e urbanos, entre os cultos e menos cultos. Todo mundo assiste à televisão e fala sobre ela. Qual outra atividade é, hoje, tão transversal? Se a televisão não existisse, muita gente sonharia em inventar um instrumento capaz de reunir todos os públicos. Isso é o que é a unidade teórica da televisão (Wolton, 1996: 16).

O autor francês salienta que a televisão tem duas dimensões indissociáveis e complementares: uma dimensão técnica, que está ligada à imagem; e uma dimensão social, que está ligada ao *status* de meio de comunicação de massa. Na concepção do autor, a dimensão técnica está ligada à produção e à difusão de imagens relevantes de diferentes gêneros; já a dimensão social está relacionada à recepção de massa em condições sociais e culturais diferentes.

A televisão é um veículo capaz de fascinar os espectadores. Ela oferece ao público diversas possibilidades, como de obtenção de novidades e de entretenimento. Ela serve como uma forma ampla de comunicação e possibilita a ligação entre públicos distintos e heterogêneos, podendo ser uma forma de laço entre estes públicos distintos:

Ela é, ao mesmo tempo, uma formidável abertura para o mundo, o principal instrumento de informação e de divertimento da maior parte da população e, provavelmente, o mais igualitário e o mais democrático. Ela é também um instrumento de libertação, pois cada um se serve dele como quer, sem ter que prestar contas a ninguém: essa participação à distância, livre e sem restrições, reforça o sentimento de igualdade que ela busca e ilustra o seu papel de laço social (Wolton, 1996: 65).

Rezende (2000) também analisa a importância da televisão para o cotidiano das sociedades. Ele diz que o veículo serve como um definidor de tempo no cotidiano das pessoas e tem influências sobre os modos de produção cultural. “[...] a programação televisiva funciona, para muitas pessoas, como um marcador de tempo, um relógio, que serve para definir horários para compromissos profissionais e sociais (depois da novela das oito, antes do *Fantástico* etc.)” (Rezende, 2000: 32).

No contexto da programação televisiva, cabe ressaltar a importância do telejornalismo como meio de informação do público e de formação de laços sociais. Valle (2007) descreve o telejornal como um modo como a televisão visualiza os acontecimentos e os transforma em notícias. Vizeu (2009) situa o telejornalismo como um lugar de referência para o público muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo. O autor também diz que o jornalismo televisivo pode ajudar homens e mulheres a compreenderem o mundo ao seu redor.

Na concepção de Matos (2010) o telejornalismo, enquanto gênero informativo, é um instrumento para reforçar a presença da televisão entre o público e para reforçar a relação entre TV e seus espectadores. “[...] entender que o telejornalismo adquiriu notabilidade através do dinamismo com que exerceu o seu trabalho de denúncia, investigação e apuração pode justificar o espaço que a atividade conquistou no cotidiano da sociedade moderna” (Matos, 2010: 5).

Concordamos com Martins (2008) quando diz que na programação das emissoras, os telejornais são instrumentos de transmissão de credibilidade e atraem investimentos. Eles ocupam importante espaço no cenário televisivo. Assim, a partir dos argumentos apresentados, o artigo fará uma análise do discurso³ da edição do dia 28 de maio de 2012

³ Neste estudo, vamos nos basear em princípios da análise de discurso de linha francesa. A Análise de Discurso de linha francesa (AD) tem como objeto o discurso. Esse, por sua vez, tem seu funcionamento no âmbito das relações entre o lingüístico e o histórico-ideológico. Proposta por Michel Pêcheux, em 1960, essa linha teórica se situa na confluência de três campos de conhecimento – a Lingüística, o Materialismo Histórico e a Teoria do Discurso. Esses são atravessados pela Psicanálise. A AD permite ao estudioso da linguagem fazer análises dos variados discursos que emergem na sociedade a partir de determinações sociais,

de dois diferentes telejornais do horário nobre brasileiro: Jornal Nacional⁴ (emissora Globo) e Jornal da Record⁵ (emissora Record). Como o intuito do artigo é comparar os dois jornais, o período escolhido para análise foi um dia em que não ocorreu nenhum grande acontecimento⁶. Queremos perceber o tratamento dado às notícias cotidianas, afinal são essas que compõem a maior parte de um telejornal.

Durante a coleta, foram observados todos os dados de maior e até menor relevância para o trabalho: número de blocos, duração das reportagens, imagens, linguagem, marcas de argumentação, apresentadores, manchetes, temas e outros. O objetivo da coleta era obter material para definir um padrão analítico de cada jornal e compará-los ao fim, visando perceber diferenças, semelhanças, focos das matérias e linha editorial, por exemplo.

Por se tratarem de duas emissoras com diferentes padrões jornalísticos observados, os telejornais não parecem competir entre si, mas sim buscar cada um uma parcela da audiência, devido às grandes diferenças estruturais percebidas e expostas ao longo do trabalho.

0 Jornal Nacional do dia 28 de maio de 2012

Apresentado na emissora Rede Globo, diretamente do Rio de Janeiro, o “Jornal Nacional” leva ao público fatos importantes do dia acontecidos no Brasil e no mundo.

políticas e culturais. O analista de discurso se preocupa com o processo de produção de sentidos, pois o objetivo de uma análise sob esse viés é desvelar os sentidos subjacentes ao sistema lingüístico (Orlandi, 2001). Sob a perspectiva discursiva, analisam-se discursos em suas condições de produção, a partir do ponto de vista de um sujeito que toma como pressuposto a imagem que constrói de si mesmo, do outro e dos objetos discursivos aos quais se refere (Pêcheux, 1997).

⁴ O Jornal Nacional foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional. Foi ao ar pela primeira vez no dia 1º de setembro de 1969, e foi transmitido ao vivo, simultaneamente, para algumas capitais de estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. O JN, desde que entrou no ar, tem um formato padrão. Sua apresentação é feita em uma bancada, por dois jornalistas sentados. Os primeiros apresentadores foram Hilton Gomes e Cid Moreira. Inicialmente, o programa tinha 15 minutos de duração. Ele era transmitido de segunda a sábado, como acontece atualmente; porém, agora o programa fica quase uma hora no ar (Memória Globo, 2005).

⁵ O Jornal da Record, produzido pela Rede Record, entrou ao ar em 1972, com apresentação de Hélio Ansaldo. Atualmente, cada edição tem duração de cerca de 60 minutos e é apresentado por Celso Freitas e Adriana Araújo.

⁶ O acontecimento é definido por Rodrigues (1993) como tudo aquilo que irrompe a superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos que ocorrem no cotidiano. “Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização” (Rodrigues, 1993, p.27).

Existe desde 1969, e é o jornal mais assistido da TV brasileira. O JN segue uma linha editorial mais formal, mas com uma linguagem simples.

Os âncoras introduzem a notícia de forma sucinta. Enquanto as reportagens são bem “trabalhadas”, abordando detalhadamente os assuntos.

Pode-se considerar que há um distanciamento entre os âncoras e a matéria, assumindo uma postura com tom de imparcialidade⁷ - não se percebe a utilização de expressões avaliativas. Há um posicionamento dos apresentadores, mas esse não é explícito. As reportagens, em quase todos os assuntos, também seguem essa linha.

Em muitos casos, as notícias vinculadas pelo Jornal Nacional trazem infográficos ou ilustrações para complementar a abordagem do assunto. Percebe-se o uso dessas formas de ilustrações para auxiliar a compreensão do fato na reportagem feita por Cristina Serra, no 1º bloco, em que uma comissão de juristas propõe que posse de entorpecentes para uso pessoal deixe de ser crime. No “desenrolar” da matéria, por ser um assunto específico e pela necessidade de certos conhecimentos na área de direito, legendas – em forma de imagem – reforçam a fala da jornalista. Facilita-se, assim, o entendimento dos telespectadores, que podem relacionar facilmente a fala com a imagem.

Há diversas vozes⁸ que participam do Jornal para sustentar e complementar as matérias⁹. Os âncoras, nas cabeças¹⁰, são os responsáveis pelas chamadas das reportagens.

⁷ Hackett (1993) salienta que parcialidade, ou o que geralmente se aceita como seu oposto, a objetividade, são conceitos que, na maioria das vezes, estão associados ao papel político ou ideológico dos meios de comunicação. O autor salienta que a maioria das definições considera a parcialidade noticiosa como a intrusão da opinião do repórter ou da empresa jornalística em um relato que é pretensamente factual. A parcialidade tem dois momentos, os quais geram polêmicas: - a falta de equilíbrio entre pontos de vista concorrentes; - a distorção tendenciosa da realidade. O equilíbrio e a uniformidade presentes na cobertura noticiosa são os pontos mais comuns levados em consideração nos estudos de parcialidade. A adoção destes critérios é clássica, porque parâmetros mais adequados nem sempre estão disponíveis, e porque são critérios legalmente consagrados. Breed (1993) diz que a parcialidade não significa necessariamente prevaricação. Ela envolve omissão de informações, a seleção diferencial, ou a colocação preferencial, o destaque de um item favorável à orientação política do jornal, a omissão de um item desfavorável em uma página inferior etc.

⁸ O Jornal Nacional apresenta, em suas reportagens, diversas vozes. Tratando-se de discurso televisivo, existem textos monofônicos e polifônicos, de acordo com as estratégias discursivas empregadas. “Nos textos polifônicos, os diálogos entre discursos mostram-se, deixam-se ver ou entrever; nos textos monofônicos eles se ocultam sob a aparência de um discurso único, de uma única voz. Monofonia e polifonia são, portanto, efeitos de sentido, decorrentes de procedimentos discursivos, de discursos por definição e constituição dialógicos. Nos textos polifônicos escutam-se várias vozes, nos monofônicos uma apenas, pois as demais são abafadas” (Barros, 1999, p. 36).

⁹ Cruz Neto (2008) salienta que em uma reportagem de televisão, o texto é utilizado no *off* (que é o texto lido pelo repórter e coberto com imagens); nas passagens (texto falado pelo repórter- marca a sua presença na matéria) e, também, nota-pé (texto lido pelo apresentador depois da exibição da matéria para complementar com alguma informação).

¹⁰ A cabeça é o lead da matéria. É lida pelo apresentador e é uma introdução à matéria que será apresentada.

Os repórteres dedicam-se a detalhar o fato, e para isso, utilizam entrevistados/fontes para dar credibilidade à reportagem.

No exemplo abaixo, pode-se visualizar como as vozes interagem na reportagem citada anteriormente:

- CABEÇA (ÂNCORA PATRÍCIA POETA): Se depender dos juristas que planejam modernizar as leis brasileiras, a posse de drogas para uso próprio não será mais crime. Mas isso vai depender da quantidade em poder do suposto usuário.

- OFF (REPÓRTER CRISTINA SERRA): A proposta foi aprovada por maioria na Comissão que prepara mudança no Código Penal. Pela proposta, o porte de droga para consumo pessoal deixa de ser crime. A quantidade será definida de acordo com o tipo de droga e com os padrões estabelecidos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária para uso pessoal. Em geral, é uma quantidade suficiente para cinco dias de consumo, mesmo quem planta uma pequena quantidade em casa, por exemplo, deixará de ser considerado criminoso. Outra novidade: passa a ser crime o uso pessoal de droga de forma ostensiva e em locais de concentração de crianças e adolescentes, como escolas. A pena será serviços à comunidade ou medida educativa. O tráfico, mesmo em pequena quantidade, continua sendo crime com pena de 5 a 10 anos de prisão. Segundo a comissão, o objetivo é tirar o uso de drogas da esfera penal. Na visão dos juristas este é um assunto de saúde pública¹¹.

- SONORA (JULIANA BELOQUE – INTEGRANTE DA COMISSÃO E DA DEFESA PÚBLICA): Nós ainda tratamos o usuário como criminoso, com todo estigma que essa palavra carrega. E isso faz com que se enfraqueça inclusive a atuação do Estado na área de saúde pública. O grande traficante tem que ser punido severamente sem dúvida, mas não é ele que a nossa polícia está alcançando nos dias de hoje¹².

- ÂNCORA PATRÍCIA POETA: O anteprojeto de reforma do Código Penal deve ser concluído até o fim de junho na comissão. Depois disso, ainda terá que ser aprovado pela câmara e pelo senado.

¹¹ A frase sublinhada representa o discurso indireto. Cristina usa uma informação da Comissão.

¹² Frase em discurso direto.

As três vozes, nesse exemplo convergem, para o mesmo fim: situar o telespectador no contexto da matéria. Contudo, percebe-se que apenas um lado é mostrado – o da Comissão dos Juristas -, deixando claro o posicionamento do jornal. Neste caso, evidencia-se que, apesar do Jornal Nacional apresentar uma pluralidade de vozes, ele está trabalhando com unicidade de sentidos.

No dia 28 de maio de 2012, as temáticas abordadas no Jornal foram: Cidadania – Saúde - Política – Polícia - Meio ambiente – Internacional – Esporte – Economia - Comunicação. Ênfases dos temas do Telejornal: Meio Ambiente - Internacional - Esporte.

As notícias de âmbito nacional tiveram prioridade no primeiro bloco: tratando-se de questões da cidadania, relacionada às drogas – que tiveram destaque nas duas primeiras reportagens do telejornal. O segundo bloco faz referência à relação Brasil e Argentina: a crise na fronteira entre esses dois países e a situação dos exportadores brasileiros que dependem da Argentina. O terceiro bloco baseia-se em questões do mundo: massacre de 108 pessoas na Síria e a manipulação do campeonato italiano de futebol. O quarto bloco, por sua vez, retoma notícias nacionais com ênfase na política: mensalão.

0 Jornal da Record do dia 28 de maio de 2012

Apresentado na emissora Record, diretamente de São Paulo, o “Jornal da Record” leva ao ar os principais fatos do dia. Ao passar suas notícias, chamadas e reportagens, o jornal faz uso de uma linguagem simples e sem maiores rebuscamentos, possível de ser compreendida pelas mais diversas classes sociais que sejam telespectadoras. Detalhes são muito bem frisados durante as reportagens, assim como as imagens e depoimentos de terceiros ou até mesmo dos envolvidos, sempre passando uma sensação de exclusividade, talvez uma estratégia bem utilizada.

O jornal aparenta apresentar uma postura imparcial em suas reportagens, demonstrado passar os fatos como ocorreram, sem distorção ou tentativa aparente de manipulação, com bastante detalhamento, como já foi dito. O que é possível perceber dentro disso, porém, é uma forte ênfase na cabeça de cada reportagem, feita pelos apresentadores. Eles costumam fazer uma espécie de narrativa do acontecimento, e não somente uma introdução de forma direta, como se vê em outros telejornais.

Os apresentadores alongam-se, demonstram envolvimento com a matéria. No dia 28 de maio de 2012, por exemplo, logo na primeira reportagem fica evidente essa forma de introdução. Quando os apresentadores anunciam sobre a dor da família de Seu Nonato, o tom de comoção e injustiça fica claro, além do artifício de lides em forma de estória utilizados por eles.

O telejornal começa imediatamente com a temática mais forte: violência. Em suas duas primeiras reportagens trata logo de duas mortes, sendo uma delas de uma criança. O tom é sempre o mesmo: comovente, mas não necessariamente apelativo.

Adiante, no segundo bloco, os temas são alternados: política, esporte. O tema violência, entretanto, volta à pauta no terceiro bloco ao tratar da morte de um homem por bala perdida ao proteger o seu filho, mas, dessa vez, a cabeça da matéria deu-se mais objetivamente. Especialmente no dia 28, há o início de uma série: “Gente de Circo”. É o momento mais descontraído e ameno do telejornal. Por linha editorial, provavelmente, conforme se aproxima do fim, as reportagens ficam mais diretas, principalmente as suas chamadas.

É possível verificar os apresentadores do telejornal usando termos como: “infelizmente”, “felizmente”, “um final feliz”, “fatos tristes que vem acontecendo”. São termos que, ao longo do telejornal, dão um tom emotivo e marcam a argumentação pessoal do próprio âncora dentro do texto falado. Claramente, essa é uma característica do telejornal não apenas neste dia, mas em vários analisados.

Importante observar que o Jornal da Record não apresenta a escalada com as principais manchetes. Seu início decorre normalmente, com uma notícia por vez.

Análise comparativa entre o Jornal Nacional e o Jornal Da Record

A tabela a seguir mostra um comparativo dos principais aspectos dos dois telejornais em estudo: Jornal Nacional e o Jornal da Record:

Dia 28/05	PRESENÇA DE REPORTAGEM ESPECIAL	PRESENÇA DE MANCHETE	TEMAS ABORDADOS	Nº DE BLOCOS
Jornal Nacional	Não	Sim	Política, esporte, Rio+20, corrupção, políticas externas, guerras internacionais, eventos.	4
Jornal da Record	Sim	Não	Violência, política	3

Em relação à estrutura, as diferenças entre o Jornal Nacional e o Jornal da Record estão na disposição das manchetes e na postura dos âncoras. O Jornal Nacional dá todas as manchetes logo no início do primeiro bloco, como uma estratégia para prender o telespectador durante todo programa. Pois, muitas vezes, o telespectador assiste por causa de alguma notícia específica de seu interesse. O Jornal da Record, por sua vez, vai utilizar a manchete como estratégia apenas no último bloco. Outra grande diferença entre esses dois jornais está na postura dos âncoras: Willian Bonner e Patrícia Poeta são formais na apresentação, mas não deixam de usar uma linguagem simples. Enquanto, Adriana Araújo e Celso Freitas deixam de lado a formalidade.

Em relação às notícias, o noticiário da Rede Globo não é tão direto ao reportar um fato e procura fazer um “*link*” entre suas reportagens. O tema mais tratado é a política e, a partir dela, o Jornal reporta os outros temas. Em geral, suas matérias são mais longas que as da Record. O Jornal da Record é mais objetivo em suas notícias, apesar dos termos argumentativos usados pelos âncoras. Aborda questões de interesse da sociedade: violência e esporte. Essas diferenças são consequência da linha editorial seguida por cada jornal, em que o Jornal Nacional prefere um estilo mais padrão do jornalismo televisivo, já o Jornal da Record não se preocupa tanto com isso. O público alvo de cada programa influencia no agendamento das matérias, sendo o responsável pela maneira como os fatos são tratados. Por isso o JN e o JR divergem tanto nas questões temáticas.

A reportagem especial - presente no Jornal da Record – é usada como uma forma instrutiva e, digamos, descontraída de abordar um assunto. A série “Gente de Circo”, que

foi ao ar de 27 de maio a 1 de junho, abordou aspectos da vida das pessoas que estão nesse meio. Essa reportagem (e a maneira como ela foi tratada no jornal) também é uma forma de agradar o público alvo. O Jornal Nacional, no dia analisado, não teve nenhuma reportagem especial, contudo quando há esse tipo de matéria, eles primam por um assunto, digamos, mais sério e se aproveitam de um fato polêmico.

Uma comparação mais detalhada desses telejornais

No Jornal da Record, de 17 notícias, cinco são relacionadas à violência; três de caráter internacional; duas sobre o reality show da emissora: “A Fazenda”; duas sobre política brasileira; as demais têm uma carga emotiva, como a dor da família do seu Raimundo e um cachorro que ganha destaque na Internet após ser levado por bandidos num arrastão.

No Jornal Nacional, de 15 notícias, cinco são sobre a política brasileira, sendo que duas delas são em relação à política externa, que se soma a uma matéria de caráter internacional; duas sobre o Rio+20; duas são relacionadas às drogas, sendo que uma delas tem princípio político; três sobre fatos que ocorrem no Brasil.

Ao todo, somam-se 32 notícias dos dois telejornais, sendo que apenas uma delas é semelhante: caso do Gilmar Mendes e do Lula. Percebe-se, também que a notícia internacional é sobre o mesmo país, a Síria, contudo sobre fatos distintos.

Em relação a esse mesmo tema, pode-se perceber o que havíamos dito antes sobre os dois telejornais: no da Record as matérias são reduzidas, enquanto as chamadas são maiores; e no da Globo há uma pequena chamada, e uma reportagem com quase o dobro do tempo da outra emissora.

Os dois telejornais, apresentados à noite, são delineados de acordo com a característica de seu público alvo. Apesar de terem um agendamento e um enquadramento bem diferentes, eles se equivalem e são os de maior audiência em suas emissoras. As diferenças apresentadas mostram as diferentes maneiras de fazer uma reportagem.

Considerações finais

Com a realização deste estudo comparativo entre o Jornal Nacional e o Jornal da Record, infere-se que há uma complexidade relacionada ao discurso do jornalismo televisivo. O estudo do discurso do telejornalismo leva à descoberta de elementos que estão além do que parece óbvio ao espectador ao assistir TV. O analista de discurso tem a meta de desvelar detalhes e sentidos que, muitas vezes, estão ocultos.

Conforme os dados eram coletados e a análise feita, percebeu-se que cada telejornal segue uma linha editorial, uma forma de trazer os temas, anunciar manchetes. Na realidade, poucas semelhanças ou quase nenhuma semelhança puderam ser encontradas. Mesmo ao se tratar de temas comuns no jornalismo – violência, política, esporte, economia -, os dois jornais de TV diferem-se, ao passo que o Jornal da Record dá grande ênfase a temas sociais como a violência, e o Jornal Nacional, por sua vez, reserva um tempo a mais à política e à economia, com matérias um pouco mais longas.

Mais objetivo em suas reportagens, o Jornal da Record possui blocos menores e matérias mais curtas, indo logo ao ponto principal. Enquanto isso, o Jornal Nacional “trabalha” mais sobre o assunto, não afetando diretamente a qualidade, mas modificando a forma e o foco em determinadas vezes.

Ao fim do trabalho, é pertinente reparar no quanto o telejornalismo realizado por diferentes emissoras pode se diferenciar e seguir linhas distintas. As mesmas temáticas podem ser abordadas com diferentes enfoques e perspectivas, dependendo de onde serão transmitidas.

Referências Bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto (org). **Diálogos com Bakhtin**. 2 ed. Curitiba: UFPR, 1999.

BREED, Warren. Controle social na redação. Uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

CRUZ NETO, João Elias. **Reportagem de Televisão: Como Produzir, Executar e Editar.** Petrópolis: Vozes, 2008.

HACKETT, Robert. Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objetividade nos estudos dos media noticiosos. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: Vega, 1993.

MARTINS, Simone. Da audiência presumida ao espectador participativo: Telejornalismo e Identidade Local no Jornal da Alterosa Edição Regional. **Estação Científica.** Juiz de Fora, n.5, p.1 – 13, 2008.

MATOS, Juliana de Sousa. Identidade do país sob outro olhar televisivo: análise da produção de vínculos entre audiência e o telejornal Repórter Brasil. In: I Encontro de História da Mídia da Região Norte, 2010, Tocantins. **Anais.** Tocantins: ALCAR, 2010.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto.** Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial.** São Paulo: Summus, 2000.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.* Lisboa: Vega, 1993.

VALLE, Flávio Pinto. Reflexões sobre o papel da Passagem no Telejornalismo. In: XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, 2007, Santos. **Anais.** Juiz de Fora: Intercom Sudeste, 2007.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica.

Famecos, Porto Alegre, n.40, p.77-83, 2009.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.